



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

OS NARRADORES DA SOBREVIVÊNCIA: RETOMANDO ASPECTOS DA FICÇÃO E HISTÓRIA NA OBRA DE NELSON SAÚTE¹

THE NARRATORS OF SURVIVAL: RETURNING ASPECTS OF FICTION AND HISTORY IN NELSON SAÚTE'S WORK

Leandro Souza Borges Silva²

Resumo:

Ao abordar elementos de cunho histórico e ficcional, esta proposta tem como objetivo analisar as fronteiras entre história e ficção no romance *Os narradores da sobrevivência*, de Nelson Saúte. Ao empreender metodologia de teor conceitual e bibliográfico, tem-se como aportes teóricos os postulados de Stuart Hall (2003), Boaventura Souza Santos (2010) e Edward Said (2011). Dessa forma, considera-se relevante conceber o fenômeno literário enquanto instância social e historicamente constituída, notabilizando os condicionantes extraliterários e contextuais que permeiam as complexas relações intersubjetivas entre os sujeitos no mundo. Os resultados apontam que o resgate do discurso histórico se torna presente no romance supracitado, configurando a obra de Nelson Saúte enquanto uma narrativa historicamente engajada, pois aborda a guerra civil moçambicana dos anos 1980, ressaltando o intenso caos, miséria e violência decorrentes desse conflito. Nesse viés, advoga-se que o narrador pós-colonial articula história e ficção para mobilizar o imaginário individual/coletivo, evidenciando inerentes relações entre literatura e memória.

Palavras-chaves: Espaço Biográfico. Pós-colonial. História e Ficção.

Abstract:

By addressing elements of a historical and fictional nature, this proposal aims to analyze the boundaries between history and fiction in the novel *The narrators of survival*, by Nelson Saúte. When undertaking methodology of conceptual and bibliographic content, we have as theoretical contributions the postulates of Stuart Hall (2003), Boaventura Souza Santos (2010) and Edward Said (2011). Thus, it is considered relevant to conceive of the literary phenomenon as a social and historically constituted instance, noting the extra-literary and contextual conditions that permeate the complex inter-subjective relations between subjects in the world. The results show that the recovery of the historical discourse is present in the aforementioned novel, configuring the work of Nelson Saúte as a historically engaged narrative, as it addresses the Mozambican civil war of the 1980s, highlighting the intense chaos, misery and violence resulting from this conflict. In this bias, it is argued that the post-colonial narrator articulates history and fiction to mobilize the individual / collective imagination, showing the inherent relationships between literature and memory.

Keywords: Biographical Space. Post-colonial. History and Fiction.

¹ Esse texto é versão adaptada e modificada do artigo intitulado *A escrita como expurgo: o escritor pós-colonial em Os narradores da sobrevivência*, de Nelson Saúte, disponível na Revista Versalete, volume 7, edição 12.

² Doutorando em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: leandroborgees@hotmail.com.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Introdução

Com o objetivo de privilegiar abordagens que protagonizam subjetividades à margem, considera-se relevante empenhar uma crítica pós-colonial que “produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou ‘global’ das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação” (HALL, 2003, p. 109). Essa crítica permite notar, em narrativas de cunho ficcional, por exemplo, narradores pós-coloniais que desafiam premissas eurocentradas e hegemônicas do saber e questionam o legado imperialista. Desses narradores, será focado, nessa discussão, a figura do escritor moçambicano Nelson Saúte, autor que tece uma escrita que enuncia sua nação e seus reveses sociais.

Escritor de *Os narradores da sobrevivência*, Saúte funda um romance historicamente engajado. Nesse livro, ele aborda a guerra civil moçambicana dos anos 80 e destaca a violência, a miséria e o caos decorrentes dos conflitos. Dessa maneira, pretende-se focar nessa discussão, também, a figura do narrador pós-colonial, compreendendo a escrita enquanto expurgo e corporeidade.

A história do romance contextualiza o fático conflito civil com a ficcionalização das trajetórias de Xinguavilana e Marimbique, mãe e filho que, desencontrados, caminham em meio aos turbulentos embates bélicos da guerra. Durante o enredo, enquanto procura seu filho desaparecido, Xinguavilana carrega consigo a memória de seus familiares, parentes e conhecidos que, no entender da personagem, passaram para o outro lado, juntando-se aos seus antepassados. Enquanto é desacreditada pelos seus vizinhos, que afirmam a certeza na morte de seu filho, essa mãe revisita o passado e as antigas tradições como apoio para não perder as esperanças de encontrá-lo. Esse último, soldado na guerra, está voltando para Maputo, capital de Moçambique e sua terra natal, na qual sua genitora o espera. Seu retorno poderia adquirir dimensões otimistas se não fosse o infortúnio desse jovem, já abalado pela guerra, estar escoltando um caminhão cheio de cadáveres:

O caminhão que Marimbique escoltava trazia a notícia mais dilacerante da guerra. Três dezenas de cadáveres: pernas, braços, intestinos, ventres, olhos, orelhas, pedaços de carne, corpos macerados. Pela primeira vez a guerra chegava à capital – marchava vagarosa com o caminhão que entra na cidade ao entardecer. (SAÚTE, 2000, p. 15).

Nesse trecho, os dilaceramentos materiais provenientes da guerra são indícios de outros dilaceramentos, esses mais emocionais e psicológicos, que se instauram primeiramente em Marimbique e caminham para impactar a cidade de Maputo. Nesse aspecto, a trajetória desse jovem soldado em direção à capital simboliza a aproximação da guerra em seu estado mais degradante, levando consigo seus mortos. Durante seu percurso, o filho de Xinguavilana se depara com Moçambique plenamente degradada, permeada por indivíduos que, quando não beiram a loucura, encontram-se em pleno estado de mutilação, inanição, fome e alienação.

O jovem soldado é acometido pelo conflito interno de ver sua nação abalada, tendo de refugiar-se nas memórias passadas da infância para encontrar conforto perante a morbidez de sua responsabilidade: escoltar o caminhão que transporta cadáveres. A relação de Marimbique com a morte é caracterizada de forma a deixar patente os efeitos causados pelas atrocidades do conflito civil, de modo que os abalos oriundos da violência lhe agravam a saúde mental. Uma nação desestabilizada



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

é enquadrada em *Os narradores da sobrevivência* para focar sujeitos também desestabilizados, preponderando no romance o lamento pelos anos obscuros que se seguiram após o estouro da guerra: “[...] o país esvaía-se cada vez mais e os seus habitantes, os seus homens, as suas mulheres, as suas crianças e seus velhos tornaram-se pessoas incompletas, estropiadas” (SAÚTE, 2000, p. 59).

Ressalta-se, portanto, um narrador que põe em destaque situações de pleno declínio, abandono e degradação, vistos e apreendidos por intermédio do olhar de um jovem que percebe o imaginário infantil acerca de seu lar destoar com a realidade contrastante presenciada em idade adulta, culminando em observações pessimistas, além de reflexões que remetem ao passado colonial: “Não sabia Marimbique o que significava a palavra etnia. Mais tarde aprendeu na dureza do cotidiano que os homens se dividiam por origens geográficas, por raças, por línguas ou etnias.” (SAÚTE, 2000, p. 41).

No que se refere ao discurso histórico que atravessa o discurso ficcional do romance, há que se ressaltar breves fatos que dizem respeito a Moçambique que, após diversos conflitos contra os colonizadores europeus, conquista sua independência nacional em 1975. Graças aos empenhos de revolução armada da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique –, o país conquista sua liberdade e se estabelece enquanto estado-nação legítimo e concebido como independente. A euforia permeada de otimismo e esperanças após a conquista da independência finda com o estopim da guerra civil, período esse abordado no romance.

Narradores da sobrevivência: reverberações históricas na ficção

O conflito civil em Moçambique se inicia em 1977, dois anos após a independência. Dessa vez, a RENAMO – Resistência Nacional de Moçambique –, apoiada pelos ex-colonizadores e outros segmentos conservadores, se opõe à FRELIMO, culminando na disputa pelo poder e nos consequentes atos de violência e destruição. O embate entre a Frente de Libertação de Moçambique e a Resistência Nacional de Moçambique na guerra civil teve como consequência o derradeiro empobrecimento do país que, ao ser deixado à sua própria sorte pelos ex-colonizadores, teve sua economia agravada pelo conflito. Em *Os narradores da sobrevivência*, são frequentes os períodos em que a fome e a miséria adquirem centralidade na narrativa, de modo que a figuração da miséria sempre é remetida ao passado colonial e à desordem da guerra. Em entrevista concedida a Ramom Nunes Mello, Nelson Saúte relembra esse período:

Os anos 80 foram muitos difíceis; período de quase bloqueio do país, faltava de tudo. Tínhamos a profissão de formar filas – acordávamos as quatro da manhã e íamos para a para a fila – para conseguir carne, pegar um pedaço de pão... Muitas vezes, quando chegávamos, a carne já estava esgotada e não havia o que comer. Nessa época, a profissão do padeiro era a mais generosa e importante do mundo, porque não havia pão. (MELLO, 2007, n.p).

O testemunho do autor corrobora para conceber o romance enquanto constructo ficcional que resgata discursos históricos para tecer uma expressão sócio-politicamente engajada por meio da arte narrativa. Isso implica compreender *Os narradores da sobrevivência* enquanto uma possível “História, profundidade de uma época arrancada de sua profundidade, romance verdadeiro de uma



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

época sem [ser] romance verdadeiro” (NORA, 1993, p. 28). Entende-se, a partir disso, que ao pôr em evidência um período marcadamente histórico em sua ficção, Saúte corrobora para conceber seu romance enquanto construção notadamente aproximada de fatos verídicos.

Além disso, o testemunho do escritor, sendo aspecto relevante para compreensão global de sua obra, permite focar Nelson Saúte enquanto criador de um narrador pós-colonial, haja vista que personagens como Xinguavilana e Marimbique atuam num espaço formalmente descolonial, num Moçambique independente legitimado como estado-nação, que, além do conflito civil, também apresenta os reveses herdados pela herança colonial. Nesse aspecto, enquanto criador de um narrador pós-colonial, Nelson Saúte escancara “os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento [de modo a evidenciar] a persistência dos muitos efeitos de colonização.” (HALL, 2003, p. 110).

Compreendendo, assim, que Nelson Saúte configura um narrador pós-colonial, faz-se pertinente ressaltar a dimensão biográfica de seus escritos, haja vista sua experiência durante o período da guerra. Sua vivência, ao tomar forma em seu romance, notabiliza tanto uma perspectiva coletiva acerca do conflito quanto individual, pois não se pode ignorar a intrínseca relação entre vivências e narrativas. Nesse caso, essa relação dimensiona o escritor enquanto porta-voz das lembranças de um passado violento. Nascido no ano de 1967, em Maputo, Saúte tem a língua portuguesa como o principal idioma, sendo testemunha dos recentes fatos históricos de seu país. O escritor presenciou a onda de otimismo e esperanças com o pós-independência, sendo abalado, juntamente com outros moçambicanos, pela eclosão da guerra civil.

Sua obra comporta tanto a poesia quanto a prosa, por meio da qual se nota frequentes expressões que se referem ao seu país e a sua condição enquanto cidadão moçambicano. Jornalista e professor de Comunicação, é também mestre em Sociologia pela USP, atuando ativamente em discussões pertinentes ao seu país e cidade. Ao falar dos anos 80 em entrevistas e em seu livro, Saúte sempre se comove com as lembranças aterradoras de um “tempo em que experimentámos a miséria mais abjecta em termos materiais” (2000, p. 141), de modo que sua escrita é preponderantemente marcada por trechos de intensa morbidez que caracterizou os anos do conflito.

Nesse sentido, entende-se aqui o narrador pós-colonial enquanto aquele que incorpora noções, reflexões, críticas e/ou lembranças que podem se remeter ao passado colonial e o presente supostamente descolonial para protagonizar perspectivas suprimidas por forças imperialistas. Nessa direção, há que se ressaltar frequentes relações que podem ser notadas entre elementos (auto)biográficos e ficcionais, possibilitando compreender *Os narradores da sobrevivência* enquanto um “processo narrativo em que o seres humanos se imaginam a si mesmos – também enquanto leitores/receptores – como sujeitos de uma biografia, cultivada amorosamente através de certas “artes da memória”. (ARFUCH, 2010, p. 140-141).

Pode-se conceber, dessa maneira, o romance de Saúte enquanto expressão de uma possível “arte da memória”, conforme resalta Leonor Arfuch (2010), para compreender essa escrita que, por meio de um narrador pós-colonial, ficcionaliza a história com vias a subverter epistemologias hegemônicas, questionando a historiografia oficial. No que diz respeito ao escritor maputense, há um processo escritural que denuncia as atrocidades da guerra que, em seu romance (p. 141), escancara a redução do “homem moçambicano à condição de coisa nenhuma”.

No que diz respeito à literatura enquanto instância de legitimidade da memória (NORA, 1993), pode-se notar no discurso ficcional figurações da conjuntura sócio-histórica em que está inserido, de



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

maneira que esse narrador, ao textualizar seu contexto vivencial, aborda em seu discurso romanesco nuances que podem se referir com frequência à “família, a linhagem, a cultura e/ou a nacionalidade” (ARFUCH, 2010). No livro, a angustiante espera da mãe pelo filho, bem como as lembranças do soldado sobre as histórias contadas na casa dos avós, evidenciam a família enquanto instância que une dois lados espacialmente separados.

As lembranças de Xinguavilana dos antepassados mortos, também, demonstram a linhagem e a relevância da ancestralidade, assim como a referência aos ritos salientam a cultura enquanto elemento que demarca o lócus não só das personagens, mas também de seu autor, que põe sua nacionalidade em foco para problematizar a identidade moçambicana ainda em construção no caos da guerra. Esse narrador pós-colonial, assim, expõe as contradições de um mundo que camufla o neocolonialismo para manter subalternizados os sujeitos dissidentes:

Os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo, portanto, trazem dentro de si o passado — como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado do colonizador, como parte de um movimento geral de resistência. (SAÍD, 2011, p. 255).

Ao entender Saúte enquanto criador de um narrador pós-colonial e, reiterando-se aqui Said, como um escritor pós-imperial, *Os narradores da sobrevivência* pode ser concebido não apenas enquanto arte de uma memória, mas também enquanto constructo que expõe as feridas — aqui entendidas como não-cicatrizadas — oriundas das desordens provenientes do conflito entre a FRELIMO e a RENAMO. Essas experiências reinterpretáveis e revivíveis, nesse sentido, são ficcionalizados pelo escritor moçambicano para revisitar o passado e expurgar os dilaceramentos interiores.

O movimento de resistência se efetua no romance, portanto, por meio da rememoração, de modo que a miséria, a fome, a morte, a violência e a corrupção são estetizados de maneira a escancarar infortúnios que muitos gostariam de esquecer. A denúncia da opressão, por exemplo, se demonstra clara na tematização da Operação Tira-Camisa, procedimento autoritário em que os soldados importunavam os transeuntes com obrigações consideradas absurdas, de modo que “Os militares ficavam à porta dos cinemas e de outros lugares de concentração dos jovens e exigiam que estes exibissem os papéis. Pediam de preferência documentos impraticáveis” (p. 50). O autoritarismo adquire significações profundas ao deixar patente as mazelas causadas por ambas as partes envolvidas no conflito; alguns militares, por exemplo, “no delírio de sua ignorância, até exigiam que os incautos transeuntes sacassem dos bolsos certidões de óbito. Quem não os tivesse ia preso” (idem).

Dessa maneira, explora-se as possibilidades de abordar o narrador pós-colonial enquanto aquele que, em perspectiva individual e coletiva, enuncia sua nação, conferindo-lhe legitimidade ante as subjugações colonialistas para problematizar o “pós” do colonial, questionando a permanência de sistemas opressivos mesmo após a independência. Nessa direção, para além de se regozijar com a libertação política, esse narrador pós-colonial denuncia a permanência do colonialismo cultural,



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

epistemológico e/ou econômico, que atualmente se camufla sob orientações neoliberalistas e neoimperiais.

Ao partir do pressuposto, portanto, de que de os narradores sobreviventes, no romance, podem ser corporificados por um narrador pós-colonial, nota-se que aspectos da historiografia oficial são rasurados para, em consonância com atitudes subversivas, revisitar períodos históricos turbulentos sob a ótica dos oprimidos, em que campos de saber hegemônicos são rasurados. O narrador pós-colonial, portanto, reconhece que “o colonialismo, mesmo muito depois de terminar como relação política, continua a impregnar alguns aspectos da cultura, dos padrões de racismo e de autoritarismo social e mesmo das visões dominantes das relações internacionais.” (SANTOS, 2010, p. 28).

Em seu romance, por exemplo, Saúte destaca o estado de pleno abandono da estrutura urbana que, além da degradação proveniente do conflito, foi deixada a sua própria sorte no pós-independência de Moçambique, com a debandada dos ex-colonizadores: “As esplêndidas moradias tinham sido deixadas ao abandono pelos antigos proprietários. Estes haviam sido apanhados desprevenidos na encruzilhada da História [...] distantes que estavam já dos invernos rigorosos da Europa.” (SAÚTE, 2000, p. 71). Os sentimentos em relação à continuidade dos reveses mesmo pós-independência são expurgados pelo narrador pós-colonial para acusar a permanência das mazelas da empreitada imperialista:

Aquela já não era a cidade que Marimbique deixara no fim da adolescência. Os prédios ameaçavam ruir de podre. Sua velhice precoce era inescandível. Por todos os lados havia furos de água suja. A rede de esgotos acolhia ratazanas. Os tubos de canalização enferrujavam secos. Bebia-se água insalubre, que subia a baldes nas escadas porcas e escorregadias por causa das latas com furos utilizadas para ir acartá-la. As mamas pilavam amendoim afanosamente nos andares dos prédios. Os pilares e as paredes denunciavam rachas de mau uso. (p. 71).

O abandono efetivado pelos antigos colonizadores soma-se à degradação da guerra civil para notabilizar o duplo legado da colonização, materializado no romance por meio das angustiantes trajetórias dos personagens em meio ao caos. Nesse sentido, por meio do narrador pós-colonial, Saúte desvela as incongruentes facetas de uma conjuntura pós-colonial, corporificando uma escrita engajada sócio-politicamente.

Por tais liames, a escrita do narrador pós-colonial, nesse caso, pode ser concebida enquanto expurgo, processo por meio da qual o escritor expõe as mazelas, danos e consequências ocasionados por momentos de intenso abalo emocional. Na discussão aqui estabelecida, se reconhece as delimitadas distinções presentes nas categorias de autor, escritor e/ou narrador, no entanto, também se reconhece as semelhanças categóricas dessas noções, entendendo-se que todas possuem pontos confluentes.

A partir dessas confluências – não cabem essas discussões na presente abordagem – defende-se que Nelson Saúte se configura um narrador pós-colonial que compõe sua escrita como expurgo, ação de expressar e desafogar as memórias traumáticas da guerra civil moçambicana dos anos 80. Dessa maneira, a figura de Nelson Saúte torna-se relevante para compreendê-lo não apenas enquanto criador de narrador pós-colonial, mas também como autor que expurga momentos de choque



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

ocasionados pelo conflito ao presenciar situações em que “os homens despojaram-se da sua humanidade e vestiram a bestialidade oculta na sua personalidade” (SAÚTE, 2000, p. 141).

Nessa direção, o escritor se expressa a respeito da guerra advogando a necessidade de um certo exorcismo desse período conturbado na história dos moçambicanos. Quando se refere ao conflito iniciado em 1977, Nelson Saúte afirma que “A sociedade foi violentada ao extremo, mas não teve um momento para refletir. Honestamente, não sei qual é o melhor caminho, mas eu teria preferido que esse luto do exorcismo tivesse sido feito” (BUALA, 2014, n.p). O autor endossa que Moçambique ainda não refletiu devidamente sobre a guerra, que ainda não lamentou apropriadamente seus mortos e suas perdas.

Ao defender a necessidade de lamentar e exorcizar os abalos provenientes do conflito, Saúte compõe sua escrita enquanto exorcismo, como expurgo e efusão. Pode-se afirmar, nessa perspectiva, que, em *Os narradores da sobrevivência* há a tentativa de um sujeito – coletivo e pessoal – de exorcizar os demônios da guerra, de expor as cicatrizes de um passado humilhante (SAÍD, 2011). Por esses liames, a noção de *Escritas de si*, de Michel Foucault, pode ser aqui compreendida em sentido alargado, entendendo-a como um processo de construção em que o sujeito, quando escreve para si, escreve também para o Outro, sendo este último pessoal e coletivo.

Ao abordar o gênero correspondência no seio das escritas de si, Foucault reitera a inerente interlocução que há entre sujeitos rementes e destinatários, entre emissores e receptores. Saúte, nesse entender, escreve sua nação sob a ótica pessoal e coletiva, enunciando, também, seu interior, haja vista que:

É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa aperceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma. (FOUCULT, 1992, p. 144).

Efetuando-se uma correlação em sentido abrangente, compreende-se *Os narradores da sobrevivência* como fruto de uma escrita de si, em que o escritor compõe sua obra com base nos pensamentos que lhe ficaram registrados na alma, pois escrever a respeito da guerra é concebido como ato de expurgo e, parafraseando Saúte, como exorcismo, ato em que pensamentos e abalos impregnados na alma são desabafados. Nesse sentido, por um lado, não se intenciona reduzir o romance ao campo (auto)biográfico, tendo em vista a dimensão coletivo-social inerente ao seu discurso. Por outro, no entanto, a dimensão íntima do autor, que se instaura nas páginas de sua obra, são nuances a serem observadas, uma vez que Nelson Saúte, além de sujeito historicamente constituído, também o é individualmente constituído.

Ao se referir à sua obra, o escritor moçambicano ressalta: “A presença da morte no que escrevo vem das histórias sobre morte na casa da minha bisavó e também pelo fato de ter visto um caminhão cheio de cadáver nos anos 80” (MELLO, 2007, n.p). Não são forçadas, portanto, as correlações entre esse relato factual descrito por Nelson Saúte e a trajetória ficcional de Marimbique, incumbido de escoltar um caminhão cheio de cadáveres até a cidade de Maputo. Durante o percurso, o jovem soldado estabelece uma relação conflitante com aqueles corpos, tendo de lidar com a morte em sua pior faceta: “De onde são estes corpos que transportamos? Que língua falarão lá no lugar para onde



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

vão? A que etnia pertencem? Serão eles ainda muito diferentes na sua condição única de mortos?” (SAÚTE, 2000, p. 41).

A relação entre vivências e narrativas efetua-se na escrita em que o narrador pós-colonial expressa tanto o *eu* individual quanto o *eu* comunitário, sendo a escrita processo em meio a qual dilemas sociais, históricos, políticos e emocionais são postos em pauta, problematizados. Dessa maneira, ao afirmar que “nós não fizemos o exorcismo da guerra”, Saúte refere-se a Moçambique e conclama a necessidade de expurgar os lamentos de um passado recente.

Ao dissertar a respeito das escritas de si praticadas em contextos religiosos e clericais, Foucault endossa a percepção ascética acerca desse processo: “[...] a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.” (FOUCAULT, 1992, p. 130). Por essas vias, compreende-se aqui as escritas de si em sentido amplo, de maneira a abordar a obra de Saúte enquanto fruto dos movimentos do pensamento, instância na qual são exorcizadas as sombras interiores ocasionadas pela guerra.

No romance, enquanto retorna, Marimbique depara-se com realidades tecidas pela guerra, a exemplo dos moçambicanos que tiveram partes do corpo amputadas em meio ao conflito bélico: “o país esvaía-se cada vez mais e os seus habitantes, os seus homens, as suas mulheres, as suas crianças e seus velhos tornaram-se pessoas incompletas, estropiadas. Pessoas que viram seus membros estilhaçarem-se ao vento” (p. 59). Além dos mutilados, a escrita de Saúte ressalta também a loucura surgida naqueles anos de insanidade, de modo que o jovem soldado se apercebia com frequência que as “[...] pessoas andavam nas ruas sussurrando palavras inaudíveis, gesticulando, suas caras estampavam expressões só possíveis nas peças tragicômicas.” (p. 72).

Além dos loucos, a narrativa prossegue ao expor que nem os cadáveres encontram a paz, a exemplo do coveiro que, acostumado com seu ofício, se impressiona com a aparência dos corpos abalados pelo conflito: “[...] tenho medo destes mortos. São caras de mulheres assustadas, de crianças que ainda gritam, de homens surpreendidos pelas baionetas, precocemente. Não são mortos vindos do sossego.” (p. 87). Nesses trechos, portanto, nota-se que o narrador pós-colonial, nesse romance, corporifica a narrativa de aspectos que denotam as tragédias vivenciadas. Dessa forma, esse narrador propicia o expurgo de suas memórias, possibilitando inferir que:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um ‘corpo’. E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim [...] como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’. (FOUCAULT, 1992, p. 141).

Assim sendo, Nelson Saúte corporifica em sua escrita as feridas não cicatrizadas da guerra civil moçambicana de 1977, encampando personagens que tentam sobreviver em meio à ruína e degradação. Sendo testemunha desse período, enquanto narrador pós-imperial, o autor corporifica sua escrita ao encarnar suas vivências – individuais e coletivas – em suas narrativas. No romance, entretanto, é importante ressaltar que os pessimismos são transpassados por tênues fagulhas de



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

esperança, ancoradas em referências ao legado dos antepassados e aos órfãos da nação, crianças entendidas como construtoras do futuro.

Conclusão

Tantas esperanças e desesperanças encaminham-se para o desfecho das trajetórias de Xinguavila e Marimbique, personagens que encarnam sujeitos arruinados pelo conflito civil. Assim, ao enfim retornar para Maputo, Marimbique e sua mãe cruzam seus caminhos, porém, se desencontram e não se reconhecem; nessa etapa da narrativa, a confusão, desordem e caos adquirem conotações extremas ao escancarar o desconfortante estranhamento entre mãe e filho que, despersonalizados pela guerra, se desconhecem e rumam para outros caminhos. Ambos irão encontrar-se no final do romance, mortos e em seus respectivos funerais. Apesar disso, mãe e filho são enterrados como desconhecidos, de modo que os sujeitos presentes no funeral não se apercebem do parentesco entre eles. O final desse enredo possibilita problematizações pertinentes acerca da guerra, que despersonaliza as identidades e priva os sujeitos de terem seus laços e vínculos reconhecidos.

Nesse viés, advoga-se que o narrador pós-colonial articula história e ficção para mobilizar o imaginário individual/coletivo, evidenciando inerentes relações entre literatura e memória. Ao assumir posição engajada de maneira sócio-política em sua arte, Saúte, enquanto criador de um narrador pós-colonial, corporifica sua narrativa de expressões que refletem o seu *eu* pessoal e comunitário, concebendo sua escrita, portanto, enquanto expurgo e libertação.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas de subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BUALA. **Nós não fizemos o exorcismo da guerra**: entrevista a Nelson Saúte, 2014. Disponível em <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nos-nao-fizemos-o-exorcismo-da-guerra-entrevista-a-nelson-saute>> Acesso em: 20 de abril de 2018.

FOUCAULT, Michel. Escritas de Si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília, 2003.

MELLO, Ramon Nunes. **Nelson Saúte libertado pelas palavras**, 2007. Disponível em <<http://www.ramonnunesmello.com.br/index.php/outrasproducoes/jornalismo/entrevistas/339-nelson-saute-libertado-pelas-palavras-2007>> Acesso em: 16 de março de 2018.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, 1993. In: _____. **Les lieux de mémoire**. I La République, Paris, Gallimard, 1984.

PATRAQUIM, Luís Carlos. **Os mortos do desassossego**, 2001. Disponível em <<https://www.publico.pt/2001/01/13/jornal/os-mortos-do-desassossego-153564>> Acesso em: 13 de abril de 2018.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Boaventura Souza. Do pós-moderno ao pós-colonial e para além um do outro. IN: **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SAÚTE, Nelson. **Os narradores da sobrevivência**, Lisboa: Dom Quixote, 2000.